

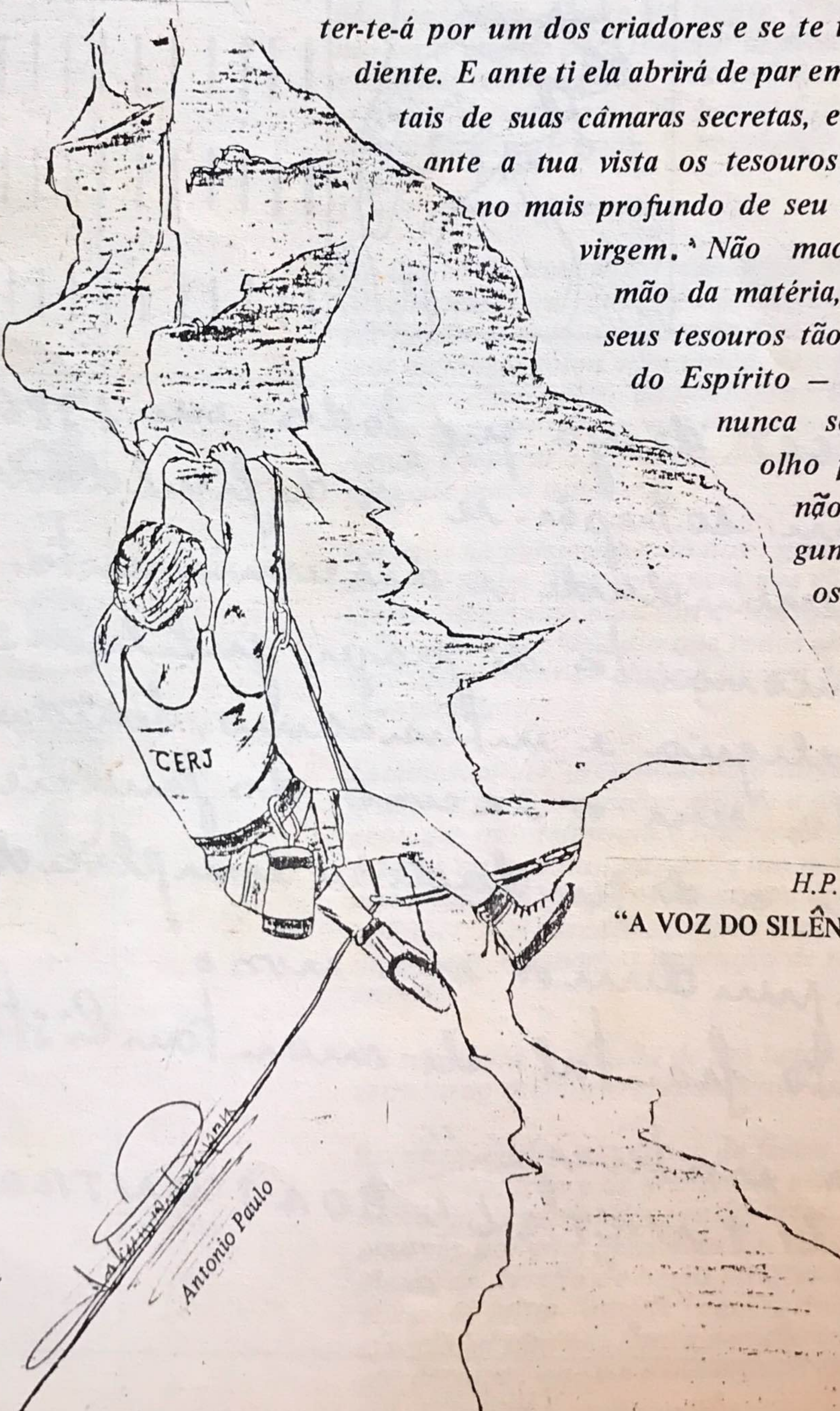
C.E. Rio de Janeiro

Boletim de Montanhismo — Ano 47 — Nº 488 — Dezembro/Janeiro

“Ajuda a Natureza e coopera com ela, e a Natureza ter-te-á por um dos criadores e se te tornará obediente. E ante ti ela abrirá de par em par os portais de suas câmaras secretas, e desvenderá ante a tua vista os tesouros escondidos no mais profundo de seu seio puro e virgem.” Não maculada pela mão da matéria, ela mostra seus tesouros tão-só ao olho do Espírito — o olho que nunca se fecha, o olho para o qual não há véu algum em todos os seus reinos!

H.P. Blavatsky

“A VOZ DO SILÊNCIO”



Antonio Paulo



"O CERT deseja que todos, em 1986,
saiam superados as dificuldades
com humildade e discernimento.
E no momento de paz, jubileem-se
com alegria e entusiasmo, vivendo
a vida sem os excessos dos fanáticos
e com a dignidade e simplicidade
que aprendemos em nosso
contato frontal de montanhistas
com a natureza."
FELIZ NATAL! BOAS ENTRADAS!

Pois é gente... Fim-de-ano... Fim de velhas esperanças... Início de novas... Particularmente no montanhismo, vemos nosso clube em atividade constante. A vida é fruto do movimento, e assim devemos olhar sempre em frente. O passado nos serve apenas para lembrar de suas lições essenciais como herança dos momentos em que erramos. A perspectiva do futuro é que nos aciona automaticamente como bola rolando a ladeira...

O que estamos fazendo?

No dia 14 de Novembro realizamos uma Assembléia-Geral, em que a atual diretoria que está em fim de mandato se pronunciou. Um por um de seus membros falou com seriedade e franqueza. Todos tiveram acesso ao microfone, inclusive os sócios presentes ao evento. Foi muito bonito. Agora, é esperar a formação das chapas e torcer para que corra tudo bem.

Estamos na perspectiva do novo grupo que irá dirigir o clube. Torcemos para que ele tenha a lucidez necessária para tornar nossa instituição um reflexo positivo daquilo que todos almejamos: verdadeiro amor ao clube e sincera dedicação ao montanhismo.

Estamos, ainda, presenciando o surgimento de um grupo de debates, que se propõe a dialogar sobre ecologia, montanhismo e todo e qualquer assunto interno ou externo, que exija um momento de raciocínio em grupo e respeito na diversidade de opiniões. Nas paredes do clube e aqui, no Paredão de Lances, chamamos a atenção de todos para essa reunião.

Na secretaria, a criação de um balcão dinamizou e estruturou melhor o atendimento aos sócios.

Estamos, enfim, em época de festas, e estas são duas: de coração e de mente. Na primeira, com nossos mais profundos sentimentos, e pelo menos uma vez por ano, pensamos em Deus. Na segunda, diante do desafio de novas eleições entre nós, não nos pode faltar "aquele" equilíbrio intelectual e emocional que nos dará a posição correta diante do ato de votar, que é a mais sagrada expressão da vida em sociedade.

BALANCETE RESUMIDO JANEIRO/OUTUBRO 85

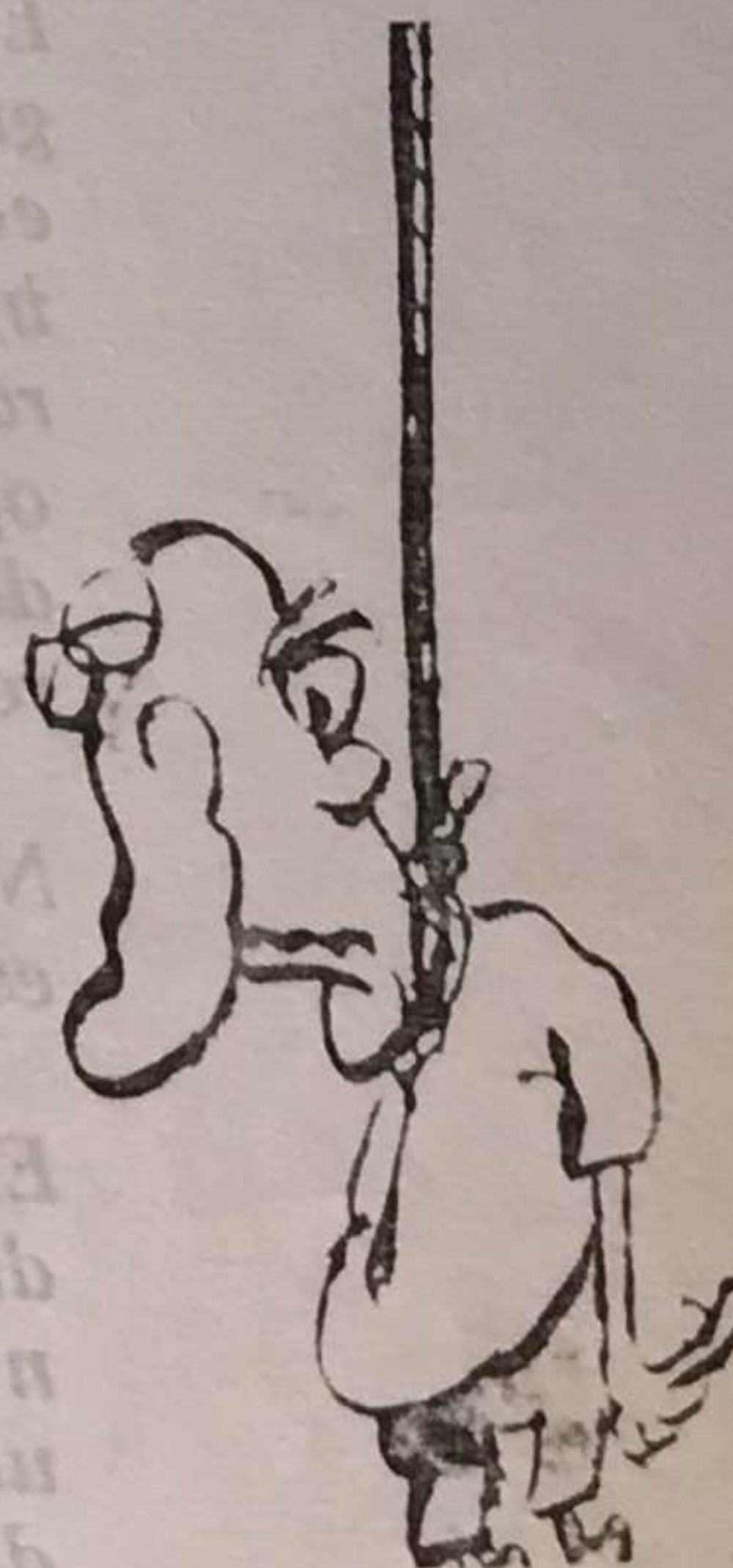
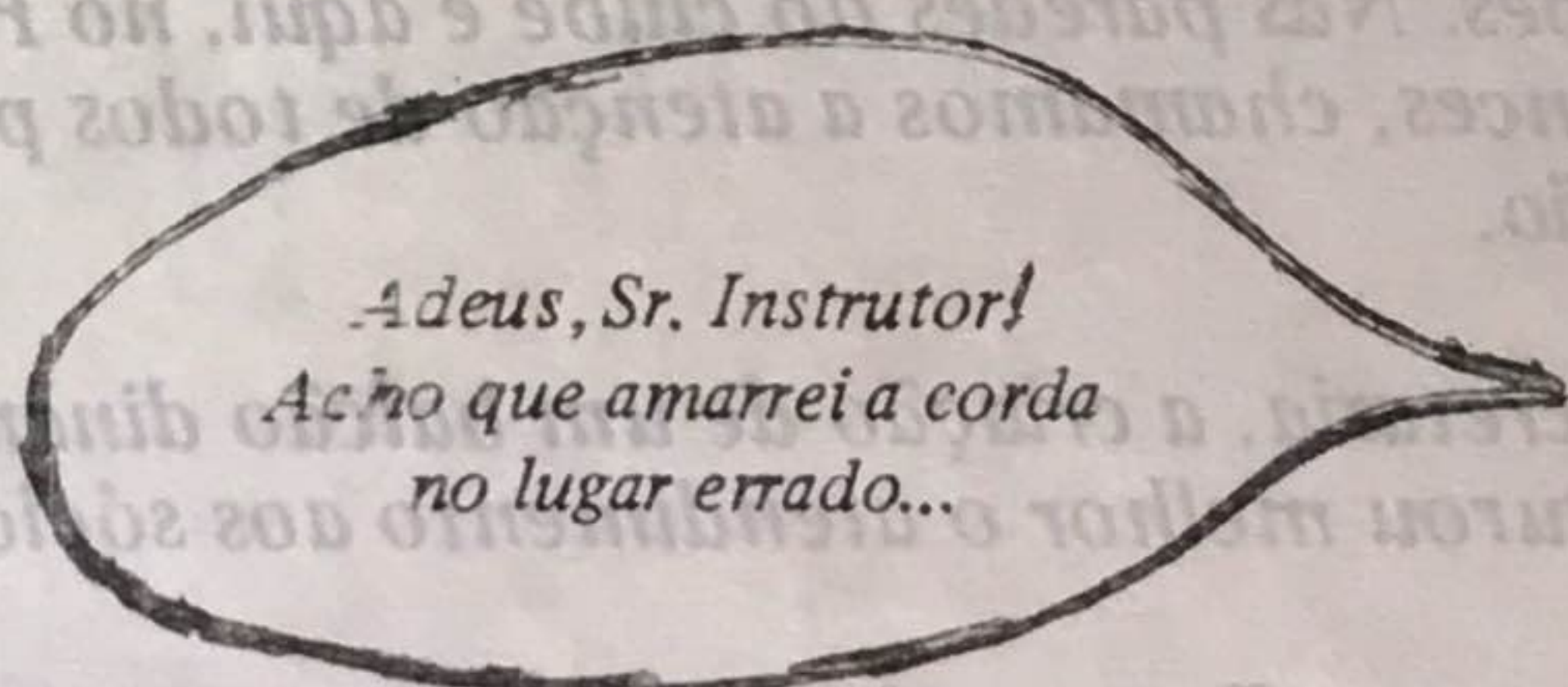
<i>CRÉDITO</i>	<i>Cr\$</i>	<i>DÉBITO</i>	<i>Cr\$</i>
Mensalidades, Jóias, Doações	3.983.500	Condomínio, Imp., Taxas	3.930.044
Vendas na Cantina e na Boutique	9.600.851*	Compras para a Cantina e Boutique	7.502.364
Outros	532.569*	Outros	3.133.230
TOTAL DE CRÉDITO	14.116.920	TOTAL DÉBITO	14.565.638
Saldo de Dezembro de 84	448.718	Saldo de Novembro de 85	Zero
TOTAL	14.565.638	TOTAL	14.565.638

*** NOTAS**

1. Não estão computados as excursões, vendas da cantina, da Boutique e outros que tiveram como fim a campanha da Sede de Montanha.
2. Resumo do Balancete da campanha da Sede da Montanha.

Total disponível até Dezembro de 1984 = Cr\$ 1.179.391

Total disponível até Outubro de 1985 = Cr\$ 11.672.356



ah, sim, te seguro!

por
PASCAL SOMBARDIER
com a colaboração de
GÉRARD DECORPS
e de
SERGE KOENIG

Tradução: HEIN R. KORPERSHOEK

No nosso número 51 (Montagnes Magazine) já falamos do "laboratório de queda" instalado na enseada de Sormiou, pela UCPA. A experiência realizada num período de dois anos por perto de mil estagiários que (quase todos) "voaram" rindo é sem precedentes, e levou a várias conclusões que o "Montagnes Magazine" sente o dever passar aos seus leitores, entre outras coisas para eles ficarem mais velhos.

No Sormiou (Sul da França —TRAD.), a pequena enseada de "La Galère" parecia indicada para fazer "voar" os estagiários da UCPA, sem risco algum. De acima duma parede ligeiramente negativa, de cerca de quinze metros de altura, acima da água, cada estagiário fazia um "rappel" de três metros, com o seu aparelho de descida, num pedaço de corda que termina abruptamente. É alí que a coisa

se torna séria. Seguindo as instruções do monitor (que devem ser curtas e exatas a fim de lhe inspirar confiança) o "quedista" afasta os seus pés da rocha, verifica se a corda (aquela que deve aguentar a sua queda e que, passando por um grampo de expansão colocado dois metros abaixo, vai ao segurador) não com o risco de se prender nos seus braços ou nas suas pernas, e finalmente larga as mãos do aparelho (Fig. 1); é um momento emocionante (sei do que falo porque já o fiz: é bem alto!). Contudo, são raros aqueles que hesitam muito tempo. A primeira constatação: os escaladores pareciam tornar-se cômicos do "fenômeno queda" e sentir a necessidade dum preparo psicológico. Alguns até o exigiram. Era isto um dos objetivos de Serge Koenig, a quem se deve a iniciativa para esta "escola de vôo". Um outro, mais importante, era de fazer o segurador sentir a violência do choque e aprender a melhor maneira para amortizá-lo.

É surpreendente que nunca antes tenha havido testes assim sistemáticos e que durante tanto tempo os escaladores têm dado segurança aos seus primeiros de cordada com tanta leviandade, não obstante numerosas experiências infelizes (mãos queimadas, freagem insuficiente, estado de choque, etc.).

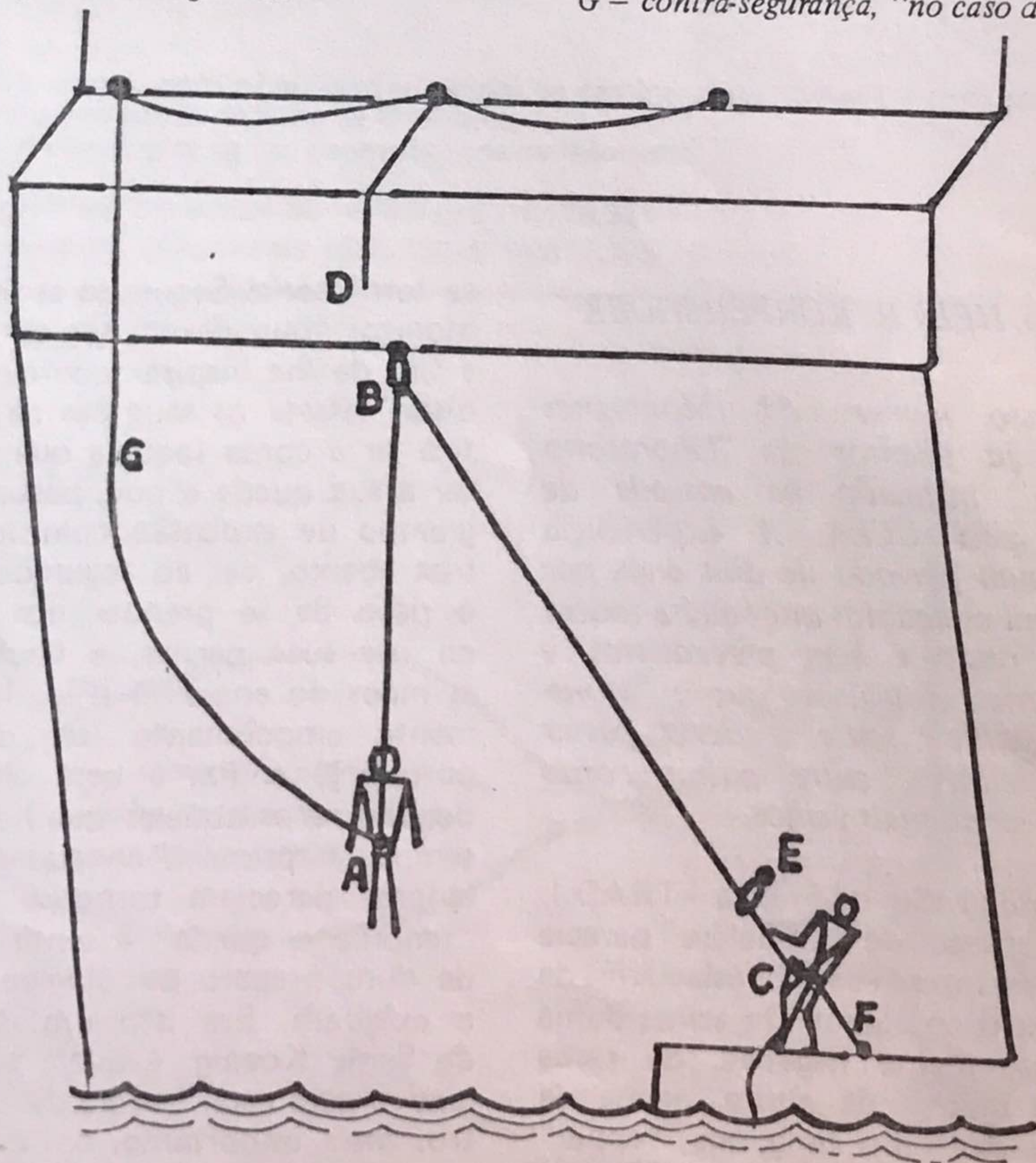
Os testes de Somiou permitiram acabar com um certo número de incertezas. Eu mesmo tenho aproveitado da ocasião para experimentar os velhos métodos, particularmente aquele da segurança pelo ombro ainda utilizado por muitos es-

caladores. Devo confessar: em despeito de usar luvas e um colete de salvamento coberto de vários pulôvers, fui revirado e queimado na axila, e tive dificuldade em manter firme a corda para agüentar a queda duma escaladora que pesava bem uns vinte quilos a menos do que eu. Ela, em contrapartida, na situação inversa, conseguiu reter-me com uma só mão, graças à segurança por meio dum aparelho de descida. É agora evidente que a segurança pelo ombro não é confiável, a não ser que a corda sofra uma freagem adicional, passando em ângulos por vários mosquetões.

FIGURA 1 – ESQUEMA DA ESCOLA DE VÔO DE SORMIOU

- A – primeiro da cordada “quedista”
- B – corda e ponto de segurança (grampo)
- C – segundo ou segurador

- D – corda trampoline
- E – grampo intermediário
- F – auto-segurança ou “vaca”
- G – contra-segurança, “no caso de...”



SEGURANÇA PELO APARELHO DE DESCIDA

Esta maneira de segurar não é novidade. Porém, somente há um ano, aproximadamente, o seu uso se tornou generalizado nas falésias (sul da França — TRAD.), e isto é bom. No entanto, apresenta alguns inconvenientes:

— **Torce a corda**, no caso do "oito", o aparelho de descida mais utilizado. Contra isto não há nada a fazer, a não ser aguardar que se fabrique cordas que não torçam. Mas será possível?

Durante uma sessão de vários dias, para a qual foram convidados Ludger Simond (do estabelecimento do mesmo nome), Gérard Decorps (professor-guia da ENSA) e eu mesmo, experimentamos outros métodos, junto com Serge Koenig:

— **O nó UIAA no mosquetão** ("meia volta de fiel"). É eficaz para amortecer a queda, porém é difícil de manipular (e quase impossível com uma corda dupla). E, de qualquer maneira, implica o uso dum mosquetão especial, arredondado ou sem ângulos. É muito utilizado pelos Alemães, porém também torce a corda.

— **O aparelho de descida "Robot Bonatti"** (aparentemente uma variedade do magnoni) não torce as cordas porém arrisca abrir-se durante o manejo (perigoso) e trava pouco; além disto prendeu os nossos dedos.

— **Atrapalha o manejo da corda** e sobretudo o afrouxamento da mesma (para acompanhar o primeiro da corda — TRAD.), que às vezes deve ser bem ligeiro (é preferível utilizar cordas macias). Contudo, acostuma-se rapidamente a fazer isto. No caso do "oito", pode-se facilitar o movimento da corda (e diminuir o seu torcimento) passando-a no mosquetão de rosca preso ao baudrier, em vez de para trás do eixo do aparelho (Fig. 2). Porém esta variante é reservada para escaladores experimentados em matéria de segurança, porque a freagem é menor. Do outro lado, a segurança será mais dinâmica. Isto é importante em virtude do terceiro inconveniente do mé-

todo:

— **Uma segurança relativamente estática**: como se sabe, deixar correr a corda diminui a força do impacto. Por exemplo: numa queda de 20 metros, com um fator de queda (razão comprimento da queda/comprimento da corda disponível para freá-la — TRAD.) de 2, este fator será reduzido à metade quando se deixa correr 3 metros de corda (errado: o fator então será $13/23 = 1,77$ — TRAD.). No entanto, num aparelho é difícil deixar correr a corda. A reação instintiva é de bloqueá-la instantaneamente, mesmo se a mão de baixo esteje colocada à maior distância possível do aparelho. Deve lembrar-se que mesmo com a segurança pelo ombro são raros os indivíduos que conseguem voluntariamente executar uma freagem verdadeiramente dinâmica que, aliás, sempre foi muito teórica. Nesta conexão devemos prevenir sobre a dilatação elástica da corda, porém primeiramente examinaremos uma das demais conclusões dos trabalhos no Sormiou.

A AUTO-SEGURANÇA

Mal se imaginava até que ponto a queda do primeiro poderia resultar num levantamento do segundo se este não estiver preso solidamente ao grampo. No caso de Sormiou, onde havia pouca freagem intermediária da corda sobre a rocha e nos mosquetões, o choque levanta o segundo vários metros, mesmo que este seja bem mais pesado do que o primeiro. Neste caso, a segurança é perfeitamente dinâmica, sendo a energia gerada pela queda gradativamente absorvida pelo levantamento do segundo.

Infelizmente, pelo menos na falésia, este não é um método aceitável. Por exemplo, se houver um paredão negativo logo acima do platô, o segundo lá vai quebrar a cabeça. Portanto, é uma questão de segurança — até uma necessidade — que o segundo se prenda bem ao grampo, por meio dum cabo solteiro bem curto, e bem orientado em relação à direção do possível impacto (ver F, na Fig. 1), a fim de não ser ejectado do seu platô.

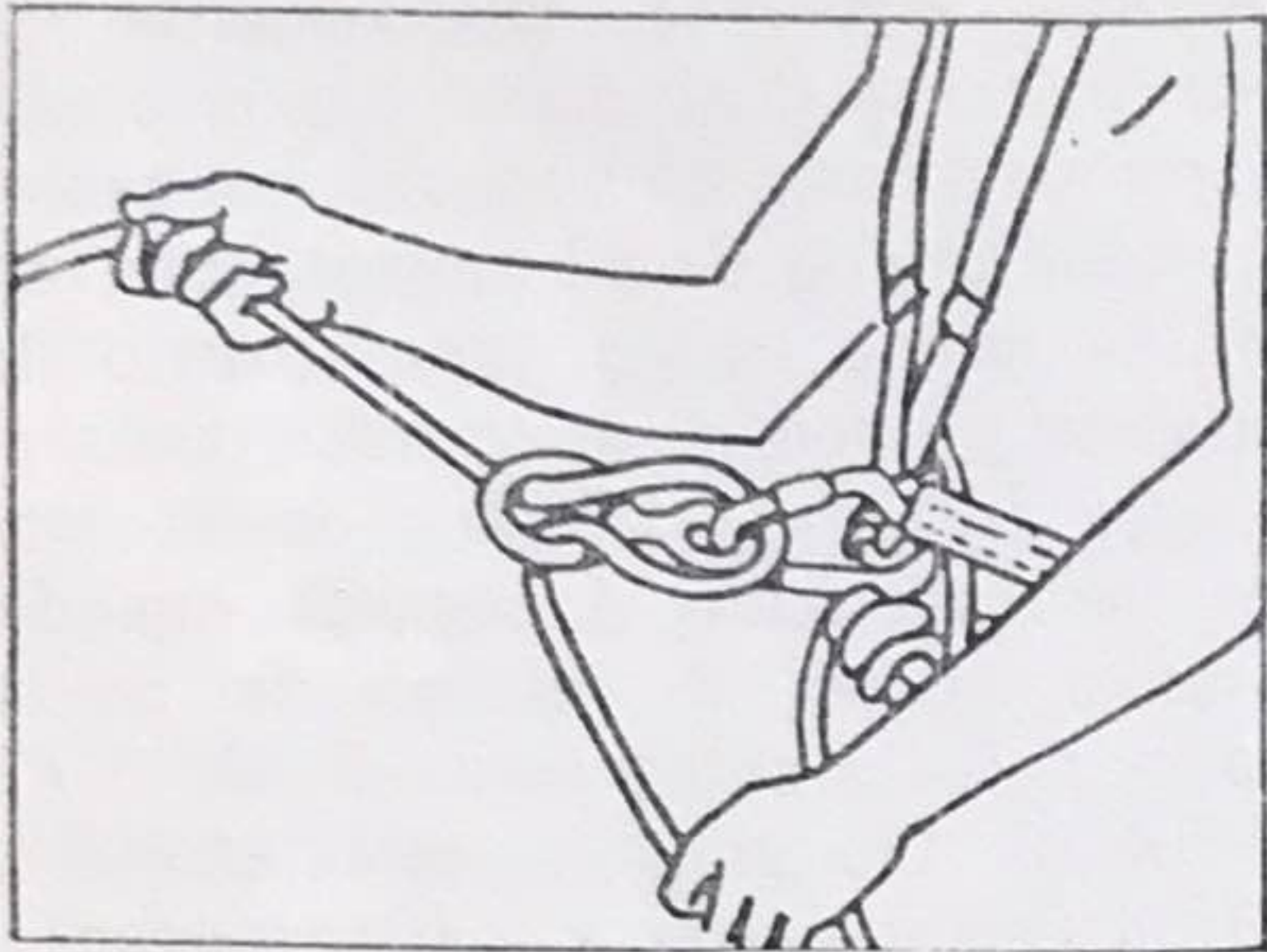


FIGURA 2

A REAÇÃO DO MATERIAL

As cordas

As cordas utilizadas no Sormiou, de 11 mm e da marca Béal, não eram novas, tendo sido usadas intensamente durante duas temporadas de estágios clássicos da UCPA. Frequentemente encharcadas com água do mar e visivelmente gastas, já tinham perdido uma parte da sua elasticidade. Contudo, a sua capa se rompeu somente após umas 200 quedas, e ainda assim exclusivamente na seção, previamente marcada, que sempre recebia o impacto. Quando se testava seções diferentes das cordas, ao acaso, a ruptura da capa se dava apenas após 500 ou 600 choques.

Assistimos a quedas com uma corda de capa rompida, e retorcida sobre uma distância de vários centímetros. Ainda era capaz de agüentar os choques, que aliás eram tanto mais violentos uma vez que a corda quase já não tinha elasticidade alguma e que as pregas da capa se prenderam no mosquetão (Fig. 3). Num caso destes, o impacto é violento, e ruim para a espinha.. :

Isto tudo é ainda mais surpreendente quando se sabe que no Sormiou as quedas se sucediam em cada dez minutos, o que é muito mal para as cordas que assim não têm tempo para recuperar o seu comprimento original.

Hoje em dia se pode assumir que uma corda praticamente não pode romper-se

nos nós, no encordamento ou nos mosquetões, sendo a sua única fraqueza remanescente a sua falta de resistência contra o atrito ao contato com a rocha, sobretudo em cantos angulosos.

Os baudriers

Baudriers tipo cadeirinha: Se a queda é iniciada numa posição incorreta, com a cabeça para trás, ou com o começo dum movimento basculante para o lado, o impacto, na espinha e nos rins, é muito violento, perigoso se a pessoa não estiver atenta, ou tenha perdido os sentidos, e possivelmente mortal numa queda fator dois. Em contrapartida, se no início da queda a posição é perfeita (o corpo vertical, os braços ao longo do corpo, as pernas quase esticadas, a cabeça erguida, etc.), o impacto será bem recebido, porém no momento do retorno elástico o corpo será quase instantaneamente jogado para trás. Conforme o modelo (do baudrier) e, sobretudo, as proporções relativas do corpo (do tronco e da bacia com as pernas), poderá ocorrer uma reviravolta total. E de qualquer maneira, com

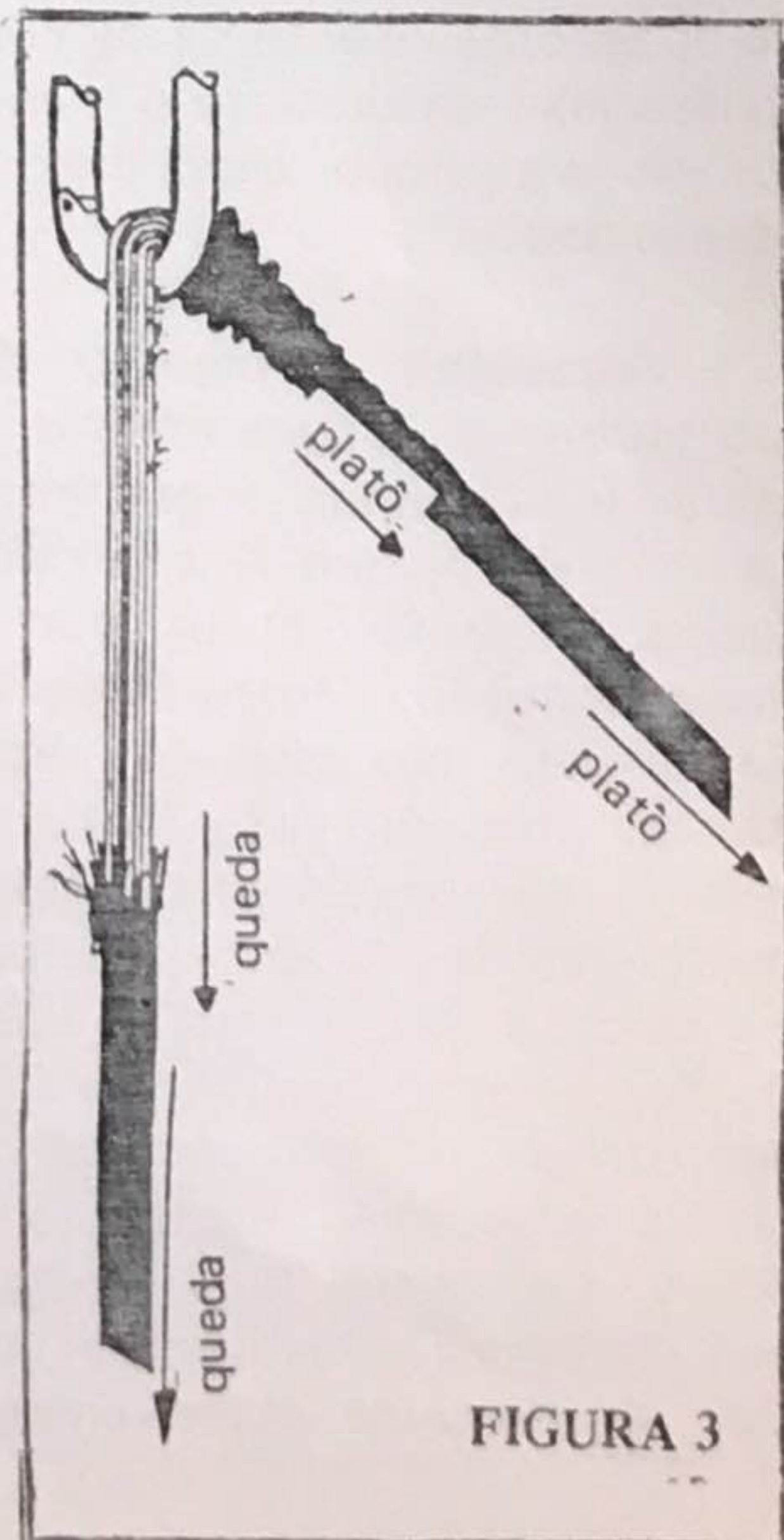


FIGURA 3

uma mochila nas costas terminaremos a queda de cabeça para baixo. Seja como for, se depois da queda a pessoa perder os sentidos, ficará pendurada numa posição semi-horizontal, encordada ao nível dos rins, sendo então a sua sobrevivência limitada a poucos minutos.

Alguns exemplos:

Troll Mark 5 muito confortável, porém freqüentemente vira a cabeça da vítima para baixo.

O modelo *Whillans de Simond*: confortável, médio na recepção (do impacto).

Troll Choucas: pouco confortável, médio na recepção.

Nenhum destes modelos é perfeito, por causa do nível (baixo) do ponto de encordamento.

No entanto, pequenos detalhes podem contar, como por exemplo, no modelo *Whillans*, o encordamento com o nó depois do mosquetão do baudrier, o que diminui a tendência para bascular. (É difícil entender este trecho, uma vez que este modelo não necessita dum mosquetão para o encordamento – TRAD.).

Baudriers integrais: Para obter o rótulo da UIAA, um conjunto de cadeirinha + peitoral, ou um baudrier de uma peça só (baudrier integral), deve depois da queda manter o corpo pendurado num ângulo de 15° com o vertical. Isto significa que o ponto de encordamento deve ficar ao nível do esterno, aproximadamente, bem acima do centro de gravidade.

Na prática, estes baudriers não podem ser utilizados em condições ótimas, sendo o encordamento alto e os suspensórios incômodos para os movimentos, de maneira que os escaladores costumam alongar os suspensórios, com o resultado que o ponto de encordamento aproxima-se do centro de gravidade. Segundo os testes efetuados um baudrier assim ajustado não é nada melhor do que uma cadeirinha. (Com o *Troll Full-Body Harness*, aliás muito confortável, nunca tive este problema – TRAD.)

Alguns exemplos:

– O baudrier *Marc Batard*, duma peça só, deu os melhores resultados quanto

à posição (do corpo) e à recepção (do impacto). No entanto, é desconfortável e a sua regulagem é bem complicada.

– Os baudriers *Super-Pro Simond* e *8000 Petzl* ambos são muito satisfatórios.

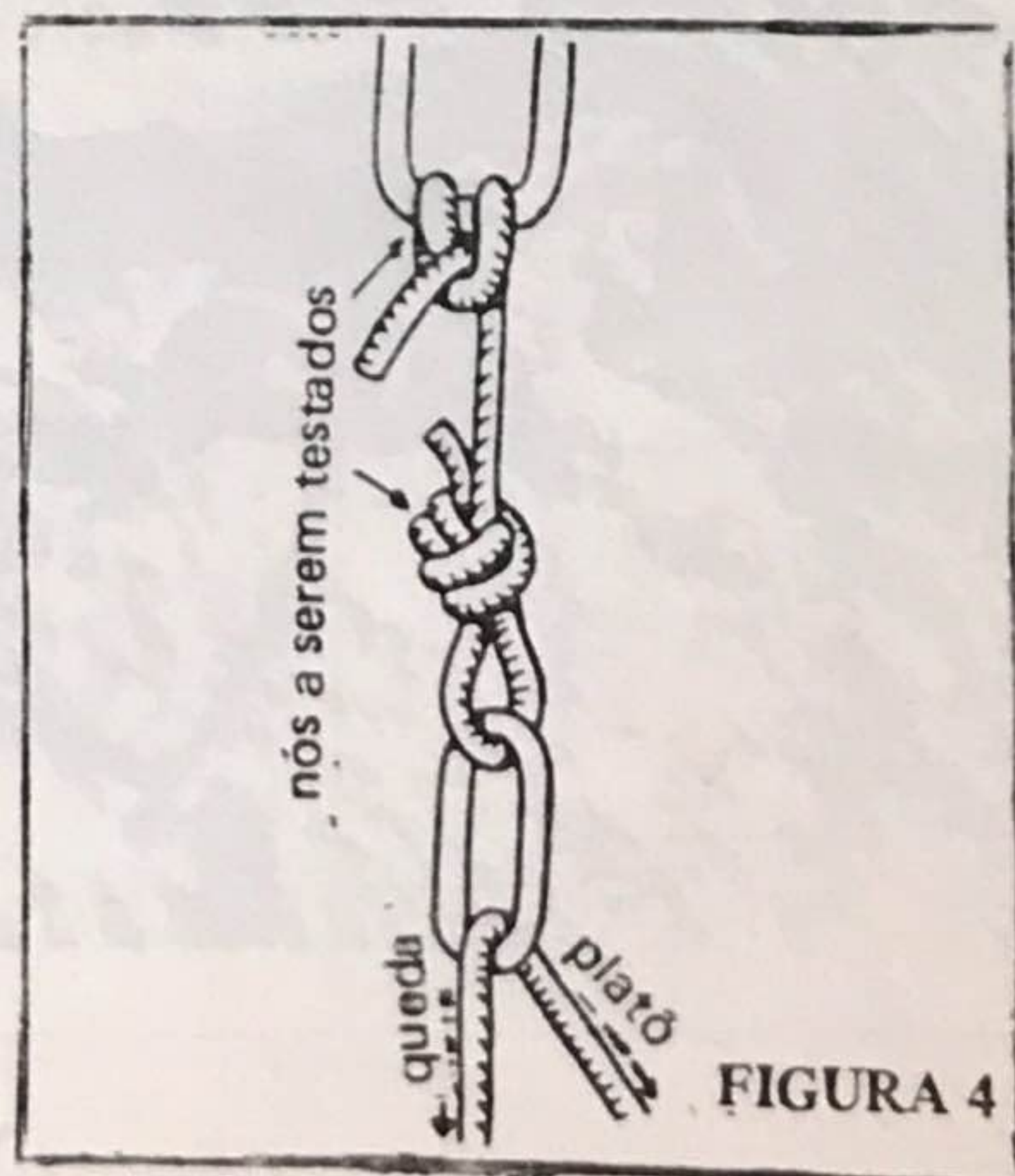
O ponto de segurança

Trata-se dum grampo de expansão de 8 mm, com uma chapeleta Petzl. Agüentou mais de mil choques, em séries de dez. Não mostrou nenhum sinal de fraqueza, a não ser uma pequena deformação da chapeleta, o olhal da qual ficou um pouco mate ao contato com o mosquetão.

TESTES DE NÓS

No grampo colocamos cordinhas, mudando o nó após cada choque. Foi necessário trocar também as cordinhas porque depois duma queda nenhum dos nós (volta de fiel, nó em oito, nó simples, cabeça de cotovia (?), nó de fita) podia ser desfeito, salvo o lais de guia (nó tradicional de encordamento) que teve de receber vários choques antes de prender-se definitivamente. (Fig. 4).

Para concluir, notamos que a Escola Nacional de Esqui, em Chamonix (França), tem seguido os testes de Sormiou com atenção, e que não é impossível que ali seja criada outra “escola de vôo” ainda este ano. De fato, entende-se que os guias sejam interessados na habilidade dos seus clientes em segurá-los, o que agora é possível mesmo para novatos.



POSIÇÃO DE UM
ESCALADOR CAÍDO,
QUE PERDEU OS
SENTIDOS.
SOBREVIVÊNCIA:
APENAS POUCOS MINUTOS.

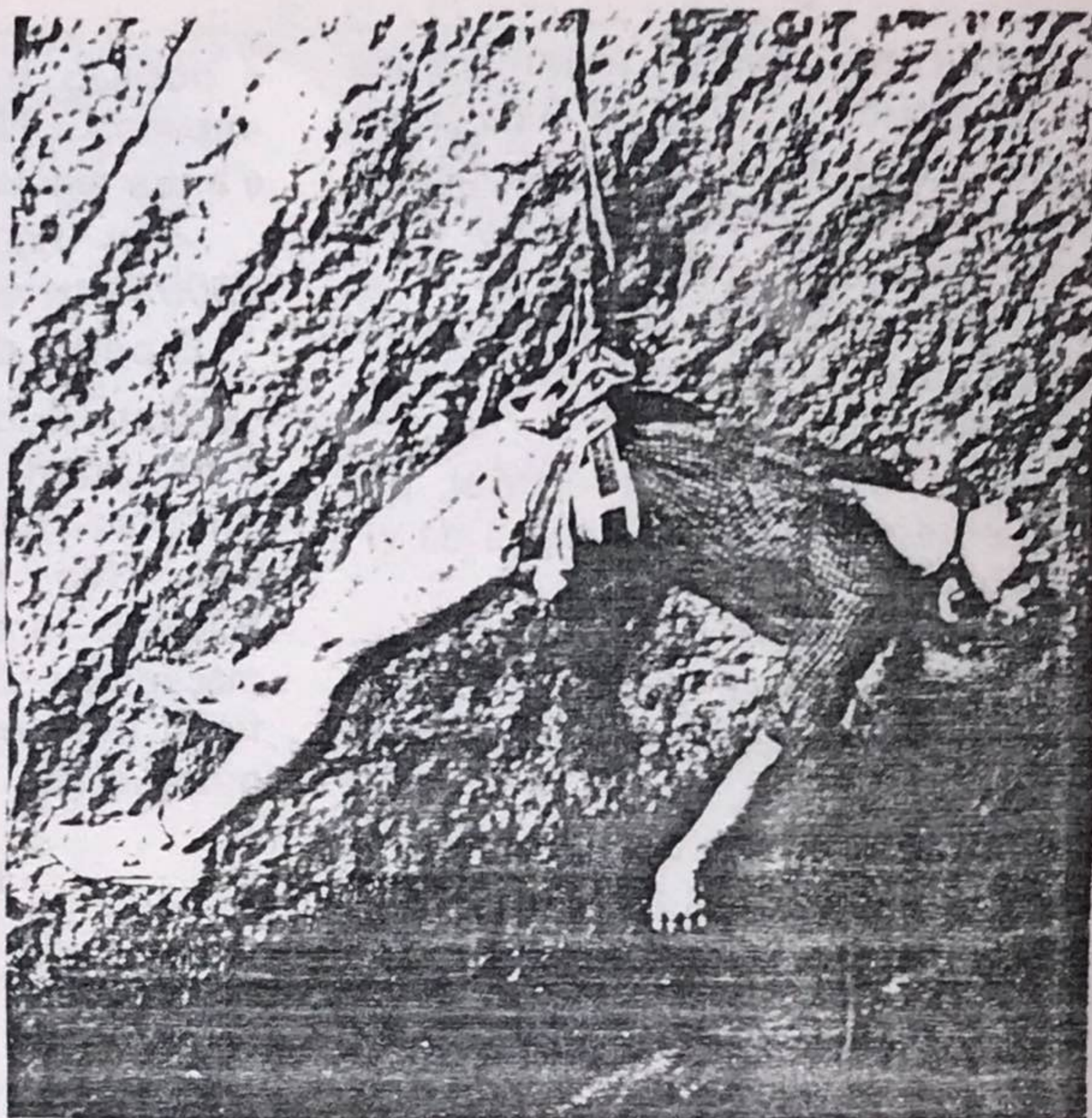


Foto-reprodução
da Figura 2

FÓRMULA PARA CALCULAR A FORÇA DO IMPACTO DURANTE UMA QUEDA

f_q = fator de queda (o principal na fórmula da força do impacto)

F_i = força do impacto

M = módulo de elasticidade (ca. 2500 hbar para uma corda nova, aumentando com o uso da mesma)

P = peso do escalador

$$F_i = P + P \cdot \sqrt{1 + \frac{2 f_q \cdot M}{P}}$$

É interessante observar que a intensidade da força do impacto (F_i) é proporcional à raiz quadrada do fator de queda (f_q), independente da altura da queda. O fator da queda (f_q), independente da altura da queda. O fator da queda (f_q) é a razão entre a altura da queda e o comprimento da corda disponível para amortizar o impacto ("corda ativa"):

$$f_q = \frac{\text{altura da queda}}{\text{comprimento da corda ativa}}$$

Cálculo aproximado no caso da escola de Sormiou (segurança estática)

altura da queda = 10m

comprimento da corda ativa = 20m

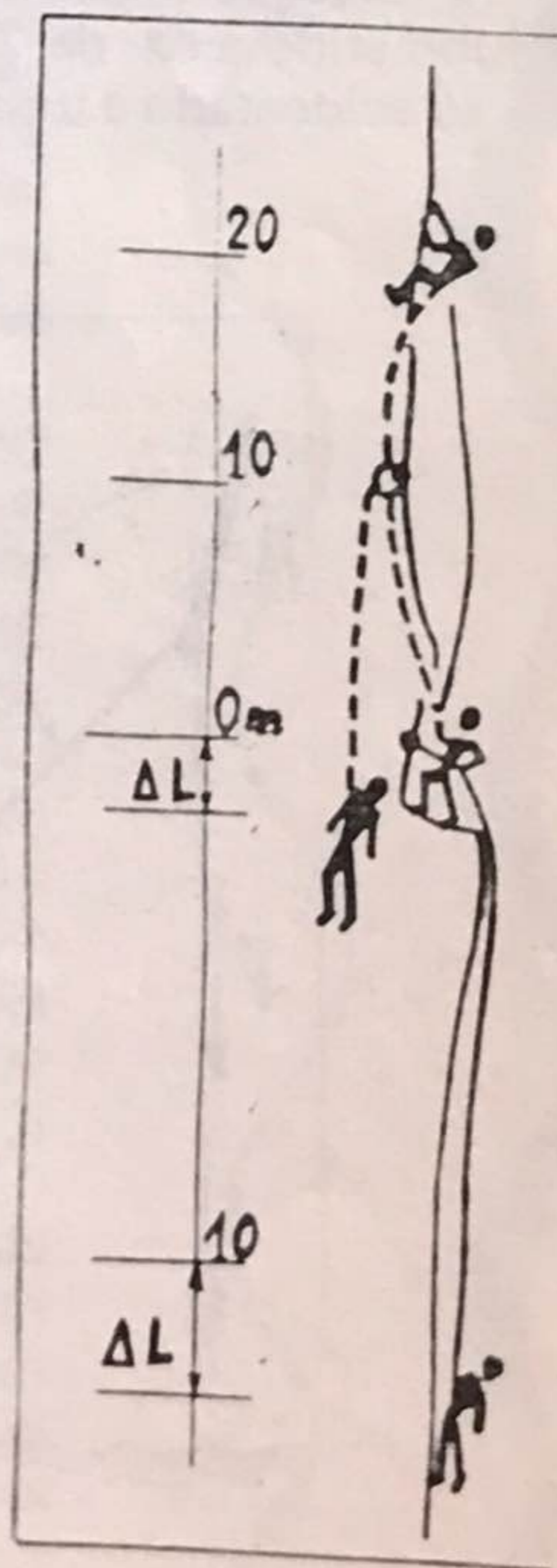
fator de queda $f_q = 10/20 = 0,5$

$P = 75\text{kg}$

$M = 2500$

$$F_i = 75 + 75 \cdot \sqrt{1 + \frac{2 \cdot 0,5 \cdot 2500}{75}} = 514\text{kgf}$$

(No entanto, deve se lembrar que as cordas utilizadas eram usadas e portanto menos elásticas, de maneira que a força do impacto de certeza era maior).



QUAIS SÃO AS FORÇAS ATUANDO SOBRE OS PONTOS DE SEGURANÇA: O GRAMPO DO PLATÔ E O GRAMPO INTERMEDIÁRIO?

Existe um sistema mecânico de três forças:

- F_i = força do impacto
- R = força de resistência ($= F_i/Z$)
- A = o resultante de F_i e R .

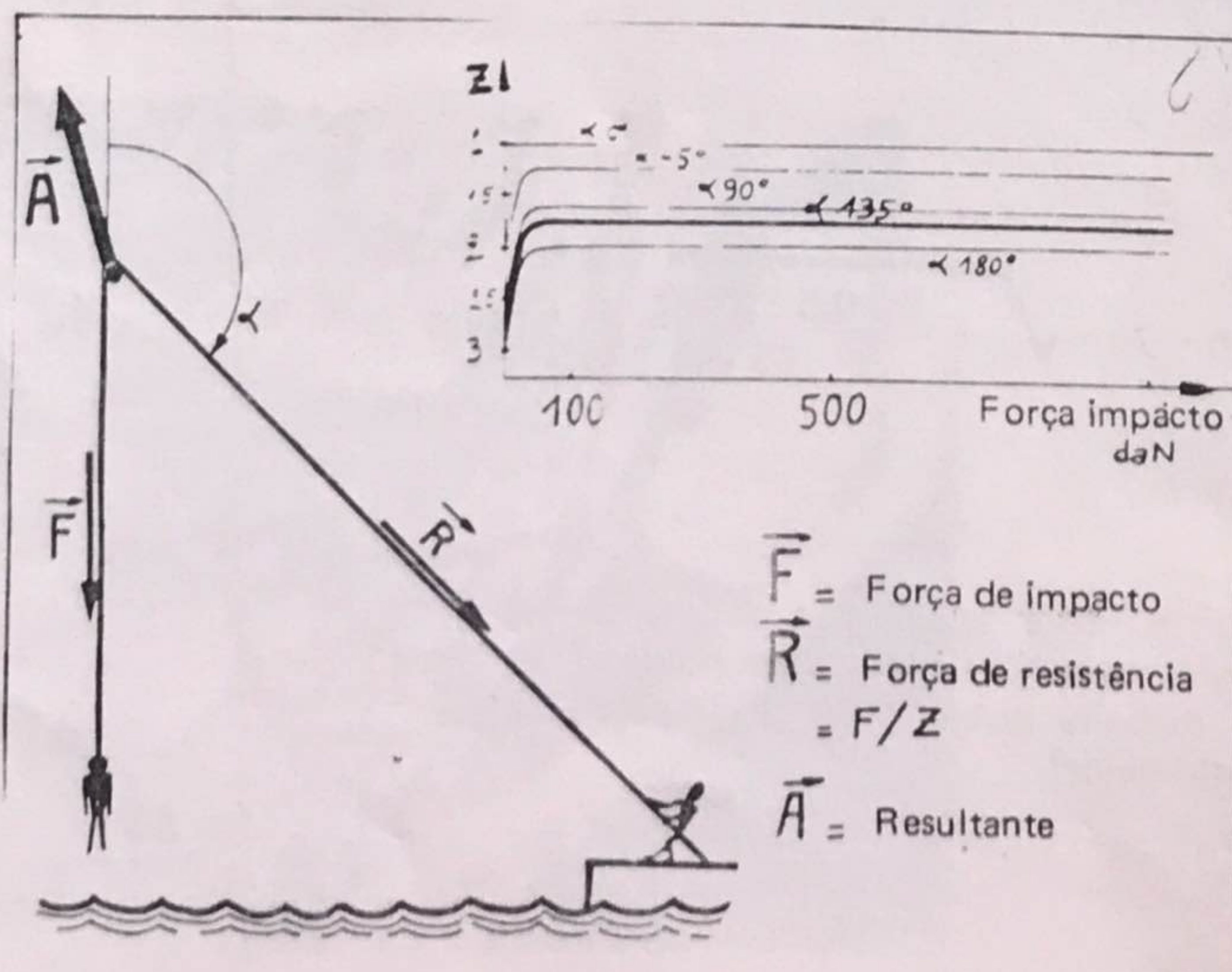
Z = a intensidade da fricção da corda em volta do mosquetão no ponto intermediário; Z varia conforme o ângulo alfa entre a ponta da corda que vai ao acidentado e aquela que vai ao segurador (ver diagrama).

– Cálculo aproximado no caso da escoa de segurança (de Sormiou) (segurança estática):

- $F_i = 514 \text{ kgf}$
- $Z = 1,75$ (para alfa = 135°)
- $R = 514/1,75 = 294 \text{ kgf}$
- $Z = 750 \text{ kgf}$ (solução gráfica – TRAD.)

– Cálculo no mesmo caso porém com segurança dinâmica (segurador sem autosegurança):

A força do impacto F_i é consideravelmente reduzida e o grampo intermediário é submetido a ca. de 2,5 vezes a força de freagem, ou seja, 1,5 vezes na ponta que vai ao acidentado e uma vez naquela que vai ao segurador.



ROMPENDO LIMITES

Marcar a Passagem da Neblina mais uma vez foi muito estimulante para mim. Foi também mais um desafio, pois me comprometi de levar alguns participantes com pouca experiência em montanha, apesar dessa excursão não ser nada leve e ter até alguns lances de escalada no seu trajeto. Mentalizei o ritmo e o desempenho de cada um antes e resolvi aceitar a luta.

Nosso grupo era formado por 27 pessoas e às 08:00h da manhã de sábado estávamos passando pela "Barragem".

O ritmo estava ótimo e o dia divino. O caminho aberto nos favoreceu o desenvolvimento rápido mas acima de tudo os participantes estavam correspondendo além das minhas expectativas.

Levei quatro dos meus filhos adotados e foi lindo poder ver que, por exemplo, o Mauro já crescera tanto em tão pouco tempo. Ele iniciou tímido, receioso e pouco arisco. Hoje já pude vê-lo criar maneiras particulares de se colocar na pedra e até fazer comparações de níveis de dificuldade.

Foi muito gostoso ver a Bia, que teve pavor de passar sobre um simples aqueduto na Ilha Grande, fazer os lances de escalada com uma garra que ela adotou, cultivou e se desenvolve a cada nova excursão com graça e charme todo particular e que me dão a certeza de que ela ainda vai se revelar muito mais.

Foi gratificante rever a Adriana e poder curtir o seu jeitinho meigo e doce a nos cercar ganhando um olhar faceiro e um sorriso amigo de uma pessoinha já tão especial para mim.

Foi estimulante comparar a Regina de hoje que faz esporte para se manter em forma e poder curtir o montanhismo com todo o prazer que tem direito, com a que conheci alguns meses — sem fôlego e sem disposição física.

Foi mais uma grande lição compartilhar a mesma excursão com o Magnago.

Foi tanta coisa, tanta emoção, tantas pessoas maravilhosas que não há papel e palavras que comportem tudo o que eu gostaria de escrever.

Aos que não foram citados aqui, não precisam ficar melindrados e tão pouco se sentirem menos amados ou lembrados. Quanto a isto sei que não preciso dar explicações, pois cada um sabe o grande valor que tem para mim.

Desta vez aconteceu algo que me marcou profundamente. Foi a grande emoção de ver que os meus adoráveis participantes que reclamavam do sol forte, da sede, do cansaço e etc., reagiram sobre suas dificuldades por uma preocupação muito forte que os sacudiu, ou seja; eu havia me sentido mal e eles não podiam definir o que poderia estar acontecendo. Fiquei apreensiva por eles pensarem que, se eu como guia não havia resistido, eles deveriam fazê-lo menos ainda. Mas as coisas não aconteceram assim. Muito pelo contrário: eles esqueceram deles mesmos e me cobriram de carinho e atenção tentando fazer o que fosse possível para que eu me recuperasse logo. Melhorei e então prosseguimos.

Este fato pode parecer banal aos olhos de qualquer pessoa, mas para mim foi como se eu tivesse ganho um grande prêmio. É assim que eu estou me sentindo; como se tivessem colocado no meu peito uma medalha. E na verdade eu a tenho, pois amo os meus participantes como se fossem meus filhotes e o carinho que pude receber de cada um naquele momento só veio alimentar a brasa de emoção que aquece meu coração fazendo com que cada um tenha o seu lugar reservado dentro dele.

Graças a Deus podemos ser tão sensíveis e tão de bem com a vida e com a natureza, pois de outra forma talvez não fôssemos capazes de perceber as pequenas coisas que nos envolve e se transformam em grandes particularidades de tantos que se querem tão bem, sinceramente, como nós.

NORMA DE ALMEIDA – 16-11-85

O de fora não combina com o de dentro. A sensação vai se esvaindo e no íntimo as minhas águas vão de novo se tornando mais tranqüilas e límpidas. Quanta turbulência, e quanta emoção mexida. Porque eu não chorei naquela hora?! Ah! Natureza perfeita; fechei a "caixa de Pandora" e agora os meus demônios coloridos se chocam e procuram formas de expressão. Hoje sou alguém se renovando... como é lindo nascer; como é lindo ser um SER. O prazer de sentir as vibrações se harmonizando, no papo com o Sidmar, na malícia do olhar do Yôh, no carinho da Solange, na timidez do Jorjão, na pureza da Tidinha (tão linda!); conseguir acreditar no outro e em mim; atravessar a ponte, sendo invadida por ela, na firmeza no SER de cada um, no grito de impaciência do Magnago (mentiroso) que se trai no sorriso dos olhos atentos, que compreendem mas não compactuam. Meu caminho já seguia seu curso, destino traçado, trabalho de mestre, quando num salto mais ousado, me dá de presente uma nova vida. Processo doido, montanha russa da emoção que inicia sua corrida já na segunda-feira o grande "looping" do fim-de-semana. O coração já se tornou exigente e, enquanto, na nostalgia da volta, na tentativa de segurar o tempo, vai se recontando flashes dos dias, as atenções se voltam, como o olhar buscando a claridade, um novo sonho, nova conquista a se concretizar no futuro próximo. Que família é esta que me adotou antes de me fecundar? Que não me ensina o que eu não sei, mas me mostra o que eu sou? Descobertas já intuitivas mas nunca vividas. Quem são estes que me abraçam e me beijam, me invadindo e levando decididos, à compartilhar da alegria de se estar EXISTINDO? Sem pudor me expõem a tanto carinho, sem perguntar se estou pronta para ser tão amada. Quantas buscas advinhadas...

t
r
a
n
s
p
a
r
t
i
c
i
p
a
n
d
o

Sai C

A gênese da economia predatória do Brasil

transcrito da revista "Pau Brasil"

Antes do mais, é importante lembrar que predatório é aquilo que se refere a roubos e piratas, conforme o dicionário. Uma economia predatória é aquela que funciona como pirataria e roubo. No processo histórico brasileiro, a significação se torna de meridiana clareza. Em nossa terra, o primeiro bem econômico, isto é, aquele que foi motivo de atividade lucrativa, constituiu-se na madeira — justamente a árvore nativa que dá nome a esta revista — o pau brasil, destinado ao uso como fonte para produtos de tintura. Assim, e por longos anos e mesmo depois do início da lavoura açucareira, a natureza começou a ser objeto de depredação e depredação indiscriminada. O pau brasil, que se distribuía por largas faixas litorâneas, era — como a seringueira, séculos depois — árvore peculiar às florestas mistas. Trocando em miúdos: não havia, e não há, florestas homogêneas, em que o pau brasil tinha sido ou seja predominante e muito menos único. Os índios conheciam a árvore e foram usados como mão-de-obra para o abate. Era uma fase em que as relações entre as populações nativas e a pirataria, metropolitana ou de entrelopos, eram mansas.

Para o índio, o pau brasil era uma árvore como as outras; para os piratas, era um bem econômico. Assim aconteceria

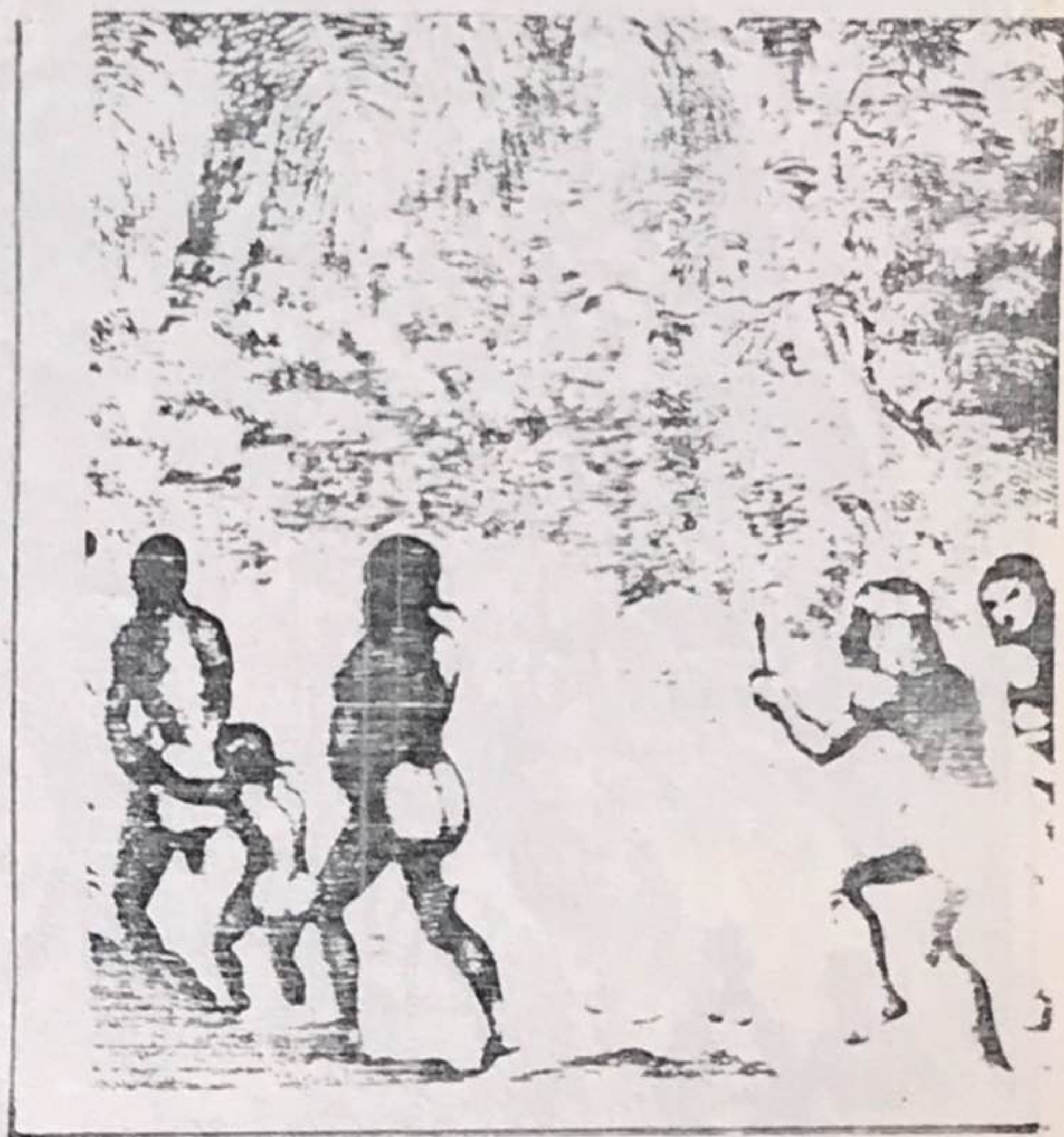
com os incas: para eles, o ouro era útil para ornamento; para os espanhóis, era precioso, objeto de tráfico, base de riqueza. O ouro, como a prata, motivaram a destruição das civilizações mais adiantadas da América, reduzindo os indígenas à servidão. No Brasil, o pau cobiçado, a madeira tintorial, não originou conflitos entre os que aqui viviam e os que vinham de longe. Foi a primeira atração que a terra recém descoberta proporcionou aos adventícios; a origem da riqueza inicial da metrópole e dos concessionários. No início, era um bem realengo, isto é, monopólio da coroa lusa, que ela usava, inclusive, para tornar atrativa a exploração da terra que há pouco fora incorporada ao patrimônio luso. A atividade do pau brasil, isto é, que se desenvolvia em torno de sua busca, abate e comércio, dava início, pois, a um tipo de economia, a predatória, que caracterizaria a colonização portuguesa aqui.

A civilização do açúcar

Mas a atividade que possibilitaria a colonização, enquanto estabelecimento de populações de origem européia aqui e expansão da ocupação territorial, foi, como é sabido, a do açúcar. Naquele tempo, a costa atlântica, entre o atual Rio Grande do Norte e Santa Catarina, explorada por

pontos e ocupada a largos intervalos, era revestida de matas, quase sem interrupção. A densidade dessa floresta foi celebrada pelos cronistas e, depois, pelos viajantes, depois de ter sido assinalada pelos que vieram nas frotas de exploração e combate aos competidores estrangeiros — franceses, ingleses, holandeses — que nela não conseguiram conquistar e manter por longo tempo, salvo no caso do nordeste batavo, nenhuma posse de extensão maior e de duração capaz de romper o monopólio luso.

Pois foi justamente nessa costa florestal que se gerou a atividade açucareira, fundada na transplantação da cana e estabelecimento de grandes propriedades canavieiras — entre a Bahia e o Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, em termos atuais — os canaviais, e os engenhos, em que a cana se transformava em açúcar, passaram a dominar a paisagem. A atividade transitória no lagamar santista teve papel importante no início, mas já na baixada campista, no recôncavo baiano e particularmente entre Sergipe e o Rio Grande do Norte, com o centro de gravidade em Pernambuco, os canaviais cresceram depressa e geraram uma empresa que acabaria, no segundo século, por ser a mais importante do mundo.



Essa ascensão gigantesca motivaria, entretanto, sob as condições de economia predatória, a mais terrível devastação florestal a que o mundo já assistiu: toda a mata atlântica, nas referidas áreas, sofreu violenta devastação, sendo completamente destruída. Não se destruiu apenas a floresta, também as tribos indígenas foram destruídas, quando não obrigadas a abandonar as suas terras para refugiar-se no interior do continente. A atividade econômica predatória ficaria perfeitamente definida, assim: a grande riqueza açucareira, explorada à base do escravo africano, custou-nos a desertificação do litoral, em termos de revestimento vegetal. Isto voltaria a repetir-se, mas já em menores proporções, quando o algodão se estabeleceu no Maranhão e quando a Amazônia foi objeto da economia de coleta florestal. Num e no outro caso, entretanto, não atingiu as dimensões gigantescas daquilo de que foi teatro o litoral atlântico quando a produção açucareira nele foi implantada.

A colonização do Brasil, assim, foi estabelecida e mantida como economia predatória, isto é de destruição dos recursos que a natureza criara e mantivera. Em menores proporções, também, o mesmo aconteceria nas áreas em que a pecuária se desenvolveu, embora não fossem elas florestais, e naquelas em que, a partir do





Ao derrubar árvores, o homem está derrubando partes de si mesmo, desequilibrando a harmonia de todas as vidas

século XVIII, a mineração fez o seu tempestuoso e extraordinário crescimento, a que se seguiu sua decadência irreparável.

A economia produzindo desertos

A mesma marca de economia predatória acompanharia o desenvolvimento das lavouras de café, no século XIX e no século XX: o seu avanço territorial, das proximidades da Côrte, passando ao vale do Paraíba e às terras altas da província do Rio de Janeiro, para chegar a São Paulo, seguir pelos divisores entre os contribuintes do rio Paraná, prolongando-se ao sul mineiro e, mais tarde, ao Paraná,

deu lugar à destruição sistemática do revestimento florestal, onde ele existia. A queimada foi sempre o momento preliminar do lançamento dos cafezais extensivos; por onde o café passou, restou o deserto. Já o café comportava, entretanto, um traço novo: ele possibilitaria a acumulação inicial ao capitalismo brasileiro. Foi essa acumulação que nos possibilitou a implantação de um parque industrial cujo crescimento, definindo o capitalismo aqui, estabeleceu as condições para surgir e crescer o mercado interno e tudo aquilo a que, depois, ficamos devendo o que se convencionou conhecer como "desenvolvimento".

O nascimento do Brasil moderno, pois, com a passagem a segundo plano dos regimes pré-capitalistas de produção, surgiu paralelamente à destruição sistemática do revestimento florestal nas faixas cafeeiras e algodojeiras do centro-sul. Como sinal do passado, restariam as matas da Serra do Mar, hoje bastante atingidas pela violência predatória. Ao mesmo tempo, a zona dos pinheirais sulinos era atingida pela destruição. As serrarias adentram o país e levaram as suas ações predatórias a todos os recantos em que esse bem econômico inestimável, que é a madeira, se apresentasse à cobiça irrefreável da especulação. Surgiram os especialistas na destruição e, por último, a zona intervalar do Espírito Santo, poupada durante séculos, foi alcançada, com fúria exemplar.

Hoje, no Brasil, resta a floresta amazônica, já vítima da ação predadora, em proporções gigantescas, na proporção em que a Amazônia desvenda as suas imensas riquezas. É o que as gerações atuais e futuras têm como dever preservar para não conhecerem a catástrofe maior que a economia predatória vai proporcionar, certamente, se não for posto fim enérgico ao amargo e triste espetáculo a que vamos assistindo: o capitalismo está completando a destruição, com um ritmo tecnológico de que alguns se envaidecem, a tarefa iniciada com a colonização e que define os fundamentos da economia predatória, característica histórica infeliz do Brasil.

LEMBRANÇAS À GLADYS

Desejamos de todo coração o pleno restabelecimento da nossa querida cerjense Gladys Montinelli, acidentada recentemente no trânsito.

Força e saúde pra você, Gladys.

ESTE ESPAÇO EM BRANCO
É UMA FORMA DE PROTESTO
DOS EDITORES DO
BOLETIM, PELOS JUÍZOS
DO C.E.R.J. QUE PODEM
NÃO COLABORAR
COM O MANDADO
QUALQUER MATÉRIA!



AS CONQUISTAS E OS CONQUISTADORES CERJENSES

Santa Cruz

Aqui damos continuidade ao artigo do Santa Cruz iniciado no boletim anterior e que agora chega ao seu término.

Em todo o Brasil existem menos de 400 escaladas

A não ser quando vai fazer uma Conquista, ou conhecer uma escalada já conquistada, o guia montanhista conhece o caminho que vai seguir na montanha. Isso não chega a ser estranho, visto que o número de escaladas em todo o Brasil é inferior a 400. Número que se reduz a pouco mais da metade, se forem excluídas as escaladas que estão sem condições de serem realizadas atualmente de forma regular, por requererem regrampeação total ou parcial.

A responsabilidade pela conservação da escalada conquistada pertence ao C.E. que detém a primazia, ou seja, ao clube cujos associados fizeram a Conquista. A manutenção das escaladas em bom estado é uma tarefa cada vez mais difícil, pois o número de Conquistas aumenta. Outra razão que contribui para que muitas escaladas estejam hoje interditas, é o fato da maioria absoluta delas estar no Estado do Rio de Janeiro, próximas ao mar, onde a maresia ataca violentamente os grampos, quando esses não são de aço inoxidável.

Além do problema da manutenção, existe o incontestável fato das centenas de Conquistas "começadas que ainda faltam acabar", algumas próximas do Bio, outras um pouco mais distantes,

umas poucas "já adiantadas" faltando poucas investidas para terminar, outras tantas ainda no início ou mesmo existentes apenas nos sonhos daqueles que irão um dia jogar a existência na montanha e trazer mais uma primazia para o seu C.E. e mais uma via para todos os montanhistas.

O berço do Montanhismo no Brasil: A Conquista do "Dedo de Deus"

O conquistador terá de ser um obstinado, com uma determinação para superar os mais diversos obstáculos: a mesma determinação que tiveram os conquistadores do Dedo de Deus: Teixeira, Carneiro, Alexandre, Américo e Acácio, que haviam combinado "não desistir" e prosseguir até o cume, atingido após uma verdadeira odisséia de vários dias de batalha, às 17:00 horas do dia 9 de abril de 1912. O mais incrível, é que os conquistadores do Dedo de Deus (1.695m) não dispunham de técnica nem equipamento adequado, pois ainda não existia montanhismo no Brasil. Esta Conquista teve repercussão internacional, pois alpinistas europeus haviam tentado e fracassaram.

O montanhismo no Brasil, embora tenha nascido com a conquista do Dedo de Deus, custou a se desenvolver. O primeiro C.E., o Centro Excursionista Brasileiro (CEB), foi fundado apenas em 1919. Em 1939 Oscar Azambuja Faustino da Silva, saiu do CEB, para juntamen-

te com 39 companheiros fundar o CERJ. Foi no CERJ que se realizou a primeira Escola de Guias do Brasil, a ETGE. O montanhismo em nosso país ganhava mais força, à medida que novos clubes eram fundados, como o Carioca (CEC), em 1946, e com as novas Conquistas e o crescimento do número de adeptos.

Os conquistadores Cerjenses estão entre os de memoráveis primazias do montanhismo de nosso país, tendo sido feitas muitas Conquistas em outros estados, e até nos Andes (Pico Rio de Janeiro, 1957).

A primeira conquista do CERJ foi feita no dia 16 de julho de 1939. Foi a Chaminé Moganga, de 1º grau. Nos tempos heróicos da década de 1940, o CERJ fez importantes conquistas, como a Caixa de Fósforos e o Pico Maior de Friburgo (em Salinas), o Pico do Itabira, e o Frade e Freira (no Espírito Santo), e as Chaminés Stop, no Pão de Açúcar, e Rio de Janeiro, no Corcovado. Nesse período entre outros, brilharam os conquistadores Índio do Brasil e Silvio Joaquim Mendes, que dará nome à diretíssima do CERJ à Pedra da Gávea.

Chaminé Brasília

Exatamente vinte anos após a conquista pioneira da Chaminé Moganga, o CERJ conquistava em grande estilo, mais uma montanha: o Pico da Agulha, em Colatina, Espírito Santo. Os conquistadores Rodolfo Kern, Nelson Bravin, Carlos Russo e Giuseppe Pellegrini deram o nome de Chaminé Brasília à nova conquista, considerada até hoje como uma das mais belas e difíceis escaladas de nosso país.

Durante a década de 60, os conquistadores Cerjenses brilharam com muitas "primeiríssimas", sendo que no ano de 1965 ocorreu uma verdadeira apoteose com 12 conquistas. Foi uma fase maravilhosa na história do CERJ.

Como seria bom se pudéssemos entrar numa máquina do tempo e integrar as equipes que conquistaram a Chaminé Pellegrini e tantas outras Chaminés e Paredões... Estar ao lado de Carrozzino, dar segurança para o Reinaldo, ... abraçar o Salomyth na chegada aos cumes ou às bases...

Não podemos voltar no tempo, mas poderemos voltar a fazer conquistas em que todos os Cerjenses possam participar, porque esse é o nosso caminho: a volta do CERJ ao CERJ.

PARA RESOLVER NUM DIA DE CHUVA

Aqui está a resposta da charada proposta por JORJÃO no número passado, a respeito da colocação das pessoas durante uma escalada.

Primeira Cordada – João e Cláudia

Segunda Cordada – Ana e Rubens

Terceira Cordada – Paulo e Carla

Quarta Cordada – Maria e José

Quinta Cordada – Sérgio e Norma

Sexta Cordada – Cátia e Pedro

Sétima Cordada – Sílvio e Alice

Oitava Cordada – Rita e Souza

ESCALADA ESCALADA ESCALADA ESCALADA ESCALADA ESCALADA ESCALADA

João Sem Terra

Veja, amiga: estamos à beira de um precipício e isto é apenas o começo. Nada é impossível. Haverá novos vales e novas montanhas: o final depende de força. Não toque na espinha do gigante, ele pode despertar. Pise na grama de propósito, mas não quebre a raiz. Nem grite demais contra os mosquitos: uma avalanche de dor pode cair. Cuidado com a fome, não sinta demais os seus passos, nem demore com a resposta entre os dedos, nem sente em lótus sem os olhos bem fechados. Guarde mais um pouco sua sede. Banhe-se em silêncio de suor.

Veja, amiga: este abismo não sorri mais para nós como sorria daquele ponto distante onde o víamos duas horas antes. Na altura do peito pode estar nossa dúvida, mas nunca o medo... Se um

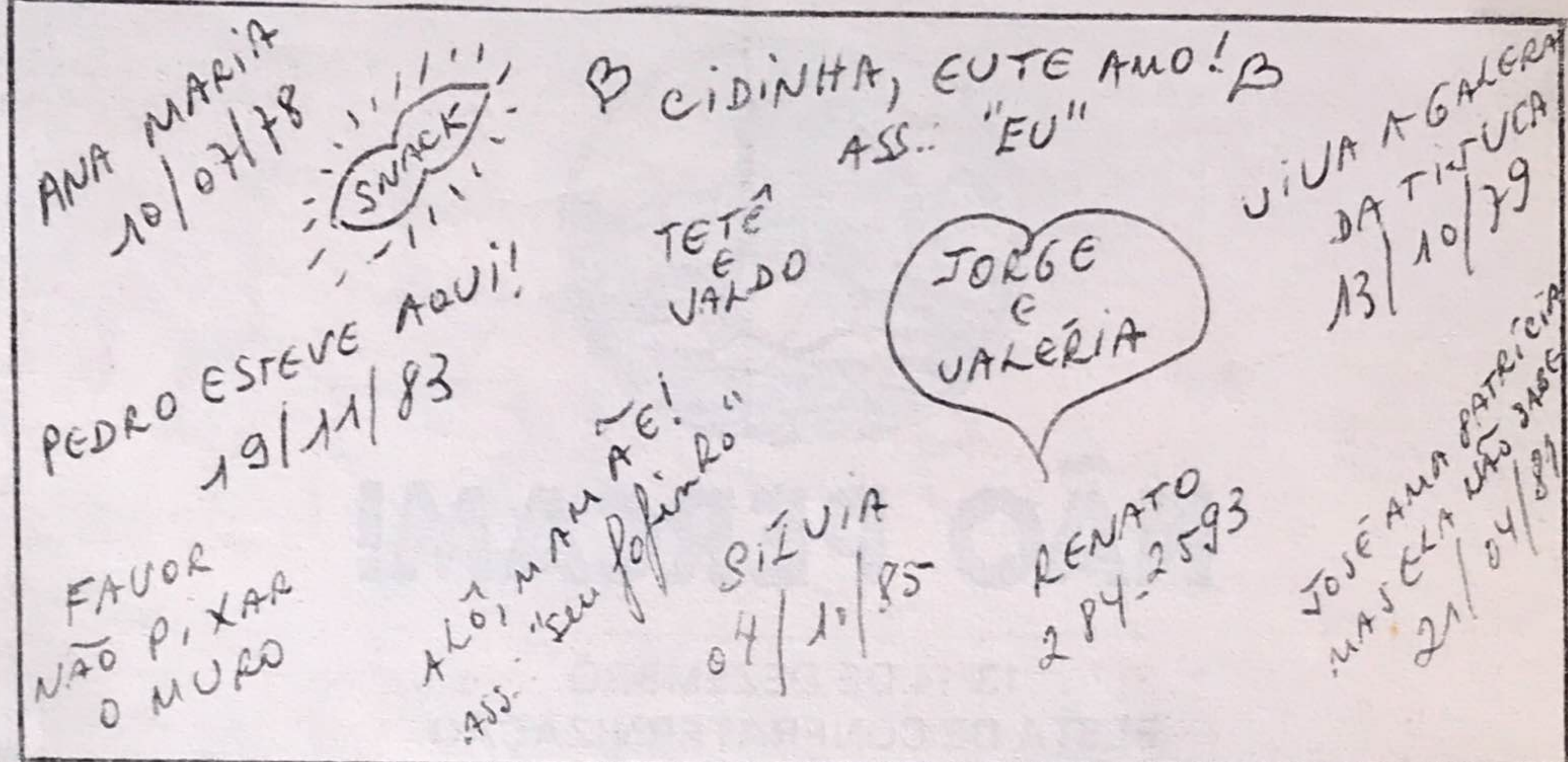
arrepio emergir, não deixe que ultrapasse os joelhos, prenda-o no movimento das pernas com a respiração onírica de quem desmaia e sobe mais um pouco vasculhando novas trilhas; como quem acredita em estrelas que alcançam nossas mãos, nos olhos desse templo de pedra, com ímpeto...

Veja, amiga: encravada nas tetas das nuvens, embarque logo tua fala. Pinte na tela um verbo e se desmanche na areia. És todo um universo na grande estrela amarela. És o inverso do túmulo das balas de fogo. És a maior atéia nas velas da oração católica; nas teias evangélicas do mal; do próprio vendaval. És bela. Feia. Rápido golpe de vento, do sol pra lua, e vice-versa: eterno momento natural.

Veja, amiga: não traga o medo, ele pesa muito na mochila...



Se foi algum montanhista
que me fez isto,
ele vai me pagar bem caro!



PAREDÃO DE LANCES

LEITURA INDISPENSÁVEL

As pessoas que desejarem receber, gratuitamente pelo Correio, o jornal "Movimento Ecológico", editado pela Associação Brasileira de Ecologia, na pessoa de seu Diretor Responsável Dr. Alberto Lemos Monteiro da Silva, escrevam para:

"MOVIMENTO ECOLÓGICO"
Av. Nilo Peçanha, 12 - grupo 801
Rio de Janeiro - RJ
CEP: 20.020

"VERDE" É A COR

A Associação Para Proteção Ambiental de São Carlos - APASC -, edita de forma bimestral uma revista fundamental para todos que amam e lutam de alguma forma pelo bem-estar do homem e seu ambiente natural. Chama-se "O VERDE". Seu lema é: "Pensar globalmente e agir localmente". Quem desejar adquiri-la, escreva para

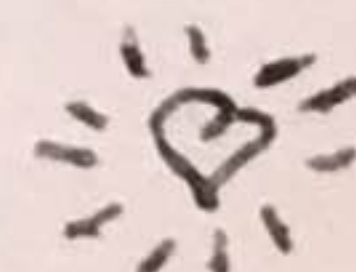
APASC
Associação Para Proteção Ambiental
de São Carlos
Rua Padre Teixeira, 1654
13.560 - São Carlos

DÁ-LHE SAMPA

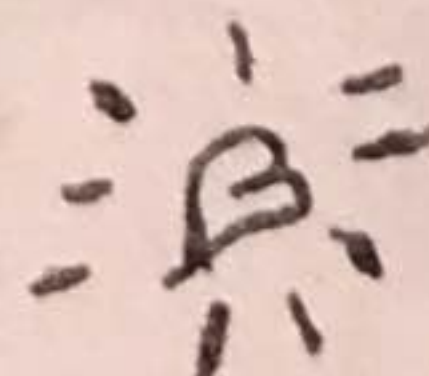
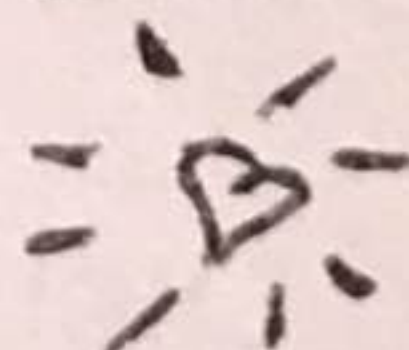
São Paulo mais uma vez dando lições de conduta ao resto do país: cinco escolas estaduais irão incluir em seu currículo, inicialmente em caráter experimental, um plano de educação ambiental. O projeto chama-se "Você faz parte da natureza". Muito bom.

PAREDÃO NORMA DE ALMEIDA

Levando à prática a antiga filosofia dos poetas Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito que diz: "Se alguém quiser fazer por mim que faça agora", na letra do samba "QUANDO EU ME CHAMAR SAUDADE", o Luciano, José e Juratan, com a colaboração de Flavio, Gustavo, Maria Helena e Dyrceo, conquistaram um paredão no Morro da Babilônia, classificada como de 3º SUP (V), e resolveram homenagear uma montanhista que está "vivilha da silva" e que é uma das mais queridas sócias do clube: NORMINHA DE ALMEIDA.



A declaração da homenagem foi feita na reunião de quinta-feira, dia 28/11/85, e foi muito bonita com todos os presentes aplaudindo e pedindo insistentemente que ela chorasse; e ela não fez por menos: chorou mais do que falou. ::



A homenagem foi, sem dúvida alguma, por demais merecida. Ficou provado que o calor que nos enche não está só nas montanhas em dia de sol; também dentro do clube se emite raios... ::



NÃO PERCAM!

13/14 DE DEZEMBRO
FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO
ABRIGO 1 – P.N.S.O.

17 de dezembro
REUNIÃO
CONSELHO DELIBERATIVO

DESTINATÁRIO:

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO
Av Rio Branco, 277 / 805 – Edifício São Borja
Tel 220-3548 – Reuniões às Quintas-Feiras às 20 horas
CEP 20.047 – Rio de Janeiro – RJ

impresso